
AS DIFICULDADES PERMANENTES DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA: DISGRAFIA E DISORTOGRAFIA

THE PERMANENT DIFFICULTIES OF LEARNING WRITING: DYSGRAPHY AND DISORTOGRAPHY

Elieuz Andrade Meneses e Silva¹

RESUMO: Aprender é crucial para o desenvolvimento integral do indivíduo. Cada etapa/modalidade da educação apresenta um objetivo para cumprir com essa finalidade. A primeira etapa do Ensino Fundamental (anos iniciais) objetiva a alfabetização (leitura e escrita), processo crucial para a inserção na sociedade “letrada”, garantindo a participação social. Para que a alfabetização seja efetiva é necessário conhecer as letras e saber utilizá-las corretamente. É válido destacar que este processo não ocorre de maneira uniforme, sendo verificadas dificuldades. Sendo assim, o presente trabalho teve como objetivo demonstrar as principais dificuldades de aprendizagem de escrita apresentada pelos anos iniciais do fundamental, assim como estratégias para minimizá-las. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, utilizando como descritores termos relacionados à escrita, sua importância e dificuldades. Constatou-se que a escrita é uma habilidade comunicativa que exige associação de múltiplos fatores como cognitivos, sociais e motores, cuja função é compartilhar informações e construir argumentos válidos. No processo de aquisição da escrita são observadas algumas dificuldades que podem ser temporárias, as quais são minimizadas no decorrer do processo; ou permanentes, que são classificadas como transtornos da escrita, dentre estes estão a disortografia e a disgrafia. Estes transtornos são caracterizados por uma combinação de fatores como falta de organização na escrita, erros de sintaxe e ortografia, desconhecimento de pontuação e problemas motores. O diagnóstico deve ser feito o quanto antes por uma equipe multidisciplinar, para propor estratégias que visem assegurar o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para o desempenho acadêmico, pessoal e profissional.

Palavras-chave: Aprender, Intervenções, Transtornos de aprendizagem da escrita.

ABSTRACT: Learning is crucial for the individual's integral development. Each stage / modality of education has an objective to fulfill this purpose. The first stage of elementary school (early years) aims at literacy (reading and writing), a crucial process for insertion in “literate” society, guaranteeing social participation. For literacy to be effective it is necessary to know the letters and know how to use them correctly. It is worth noting that this process does not occur uniformly, with difficulties being noted. Thus, the present study aimed to demonstrate the main difficulties of learning to write presented by the early years of elementary school, as well as strategies to minimize them. The methodology used was bibliographic research, using terms related to writing, its importance and difficulties as descriptors. It was found that writing is a communicative skill that requires an association of multiple factors such as cognitive, social and motor, whose function is to share information and build valid arguments. In the writing acquisition process, some difficulties can be observed that can be temporary, which are minimized during the process; or permanent, which are classified as writing disorders, among them are dysortography and dysgraphia. These disorders are characterized by a combination of factors such as lack of organization in writing, errors in syntax and spelling, lack of punctuation and motor problems. The diagnosis should be made as soon as possible by a multidisciplinary team, to propose strategies that aim to ensure the development of competencies and skills necessary for academic, personal and professional performance.

Keywords: Learning, Interventions, Writing learning disorders.

¹ Universidad Tecnológica Intercontinental- UTIC. elieuzandrade@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A aprendizagem é compreendida como um processo contínuo de aquisição de conhecimentos que impulsiona a modificação comportamental. Este processo ocorre de maneira sistemática através da prática e/ou experimentação, visando a evolução enquanto sujeito, favorecendo o desenvolvimento integral. Segundo Vitorino (2019)

A aprendizagem é a acumulação do conhecimento a partir de estruturas esquematizadas de forma intelectual em um momento específico. Tratando-se de um processo contínuo e acumulativo, tendo como base o convívio familiar, cultural, que vão se aprimorando no meio escolar e na vivência social do sujeito, valorizando habilidades e competências, com o objetivo à progressão de observação, formação, desenvolvimento do intelecto.

O processo educacional é constituído por diferentes períodos e cada um deles apresenta uma meta a ser alcançada. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental o objetivo que se almeja é a alfabetização.

O processo de alfabetização consiste em fazer com o que o aluno saiba identificar as letras e empregá-las de maneira correta na escrita das palavras, para sucessivamente escrever frases, orações e textos, os quais são considerados como instrumentos de expressão da língua, ferramentas de comunicação de concepções e ideias.

Alfabetizar é um dos principais objetivos a serem conquistados pelos primeiros anos do Ensino Fundamental. Durante todo o percurso escolar, o aluno vai sendo, aos poucos, alfabetizado, à medida que novos conhecimentos são assimilados, mas é nas séries iniciais que é oferecida a base para ingressar em um mundo letrado. Por este motivo é dada tanta atenção a este período educacional, visando a utilização de métodos cada vez mais eficazes para garantir uma aprendizagem efetiva, identificando as dificuldades e propondo estratégias para minimizá-las (BRASIL, 2009).

A alfabetização abrange o desenvolvimento de duas habilidades complementares: a leitura (identificação das letras) e a escrita. Cada uma destas habilidades apresenta especificidades para serem alcançadas que as tornam mais ou menos complexas. A escrita apresenta uma maior complexidade por exigir a tradução dos conteúdos aprendidos em registros escritos (ROCHA e FONTES-MARTINS, 2014).

Escrever consiste em uma maneira de se comunicar que, diferente da fala, não é inata, precisa ser desenvolvida ao longo do processo de aprendizagem. Escrever bem, requer conhecimento do conteúdo (leitura), das regras gramaticais, a escolha do texto e a forma de

escrevê-lo em relação ao público a que se destina e possuir uma letra legível, para que a mesma possa ser compreendida (GUIMARÃES et al., 2014).

A escrita consiste em uma representação da linguagem falada e ouvida por meio de signos e símbolos, registrada em palavras que são guardadas e transmitidas ao longo de várias gerações. Através da escrita é possível narrar acontecimentos, expressar ideias, registrar opiniões, fazer críticas. O desenvolvimento da escrita é processual tendo início nos primeiros anos do ensino fundamental e se estende durante todo o processo educacional (COSTA et al., 2006).

Escrever exige, além do reconhecimento das letras, ter noção de espaço e organização. É preciso saber como as palavras e frases devem ser organizadas em um texto para que a mensagem seja compreendida. A forma como o texto é apresentado no papel incentiva ou não a sua leitura, por isso é necessário que a escola se mantenha atenta a todo o processo de aprendizagem da escrita identificando inclusive se há alguma dificuldade apresentada pelos alunos na sua execução e qual a sua extensão.

O termo “dificuldade” tem sido utilizado tanto para se referir a um caráter temporário, verificado quando os alunos têm o primeiro contato com a escrita e suas regras e não consegue segui-las, assim como um caráter permanente, quando esta dificuldade permanece por um longo período, durante todo o processo de aprendizagem.

As dificuldades temporárias possuem causas externas, que envolvem parâmetros pedagógicos ou socioculturais e são identificadas quando os alunos não conseguem responder ao ritmo estipulado na sala de aula. Estas dificuldades são amenizadas a partir do momento em que o professor toma conhecimento das dificuldades e das possíveis causas e elabora estratégias didáticas e pedagógicas condizentes com as mesmas.

As dificuldades permanentes, também denominadas de transtornos, são caracterizadas por disfunções neurológicas, motoras, que prevalecem mesmo após as intervenções terem sido realizadas. Estas dificuldades provocam uma alteração em todo o processo de ensino aprendizagem, por este motivo é fundamental que sejam identificadas logo nos primeiros anos do Ensino Fundamental, pois desta forma é possível propor estratégias que permitam a estes alunos o melhor aproveitamento possível.

O presente trabalho teve como objetivo apresentar as principais dificuldades, de caráter permanente, relacionadas à escrita (disortografia e disgrafia), assim como algumas

estratégias para minimizá-las. Para tanto foi organizado em tópicos. No primeiro “Aprender: Processo fundamental para o desenvolvimento humano, tratou sobre a importância da aprendizagem enfatizando os primeiros anos do Ensino Fundamental. No segundo “A escrita: dificuldades e mecanismos para aprendizagem, foi abordado as dificuldades permanentes (transtornos) relacionados à aprendizagem da escrita nas séries iniciais. Por fim são apresentadas as considerações finais.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma revisão de literatura sendo realizado com base em livros, teses, dissertações e artigos. Os descritores utilizados para a busca inicial foram: “dificuldade na aprendizagem”, “aprendizagem nas séries iniciais do fundamental”, “importância da escrita”, “transtornos específicos da escrita” e “dificuldades na escrita”. Após uma busca inicial foram selecionados os artigos mais relevantes sobre a temática.

3. APRENDER: PROCESSO FUNDAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO

A aprendizagem é um processo complexo e contínuo, que se inicia mesmo antes do contato com a escola e permanece durante toda a vida. O ato de aprender está vinculado diretamente à mudança de comportamento, que ocorre a partir do momento em que novos conhecimentos são adquiridos. Estes conhecimentos são cruciais para o desenvolvimento de competências e habilidades que capacitam o indivíduo para a vida em sociedade. A escola deve considerar que os conhecimentos prévios impulsionam novos conhecimentos. De acordo com Pinto (2003, p. 8)

A aprendizagem está inevitavelmente ligada a toda História do Homem. Desde sempre se ensinou e aprendeu, e por isso o Homem se interrogou sobre a natureza deste processo. É facilmente compreensível o valor deste processo chamado de aprendizagem e do seu valor na construção do Homem. É graças a ela que se consegue dar respostas adaptadas, isto é, eficazes, em diferentes contextos ou a novas situações.

O processo de aprendizagem para ser considerado como verdadeiramente significativo deve incluir professores capacitados e conscientes do seu papel enquanto mediador de conhecimentos; alunos, enquanto sujeitos ativos na construção dos conhecimentos e recursos que auxiliam o trabalho do professor. Não ocorre aprendizado por repetição ou memorização (GONÇALVES, 2008). O aluno deve ser capaz de desenvolver meios de evitar sequências padrões e obrigatórias em seu meio escolar, é preciso utilizar pensamentos mais coerentes e criativos (PONTES, 2019).

Textos decorados para uma prova, atividade, exame são rapidamente esquecidos. Para serem assimilados e aprendidos estes devem fazer sentido, estabelecer relações com o cotidiano, pois quando os novos conteúdos são relacionados com aqueles que os alunos já possuem fica mais prazerosa e significativa a aprendizagem. Quando o conteúdo é de interesse do aluno, ele mesmo consegue estabelecer relações, propor soluções e testar hipóteses (KLEINKE, 2003).

O professor-mediador tem o papel de estimular o aluno a querer aprender e não apenas de transmitir informações para serem decoradas. As atividades educativas devem considerar o meio em que o aluno vive, seu cotidiano, sua cultura, pois só assim o aluno terá vontade de aprender. O aprendizado só ocorre quando há troca de informações e conhecimentos entre os envolvidos no processo educativo (KLEINKE, 2003). Segundo Sforzi e Galuch (2006, p. 221)

Aprender, portanto, não significa recitar um número cada vez maior de conceituações formais, mas elaborar modelos, articular conceitos de vários ramos da ciência, de modo a cada conhecimento apropriado pelo sujeito ampliar-lhe a rede de informações e lhe possibilitar tanto a atribuição de significados como o uso dos conceitos como instrumentos de pensamento.

Aprender é, portanto, crucial para o pleno desenvolvimento humano, daí a importância de assegurar a todos o direito de aprender. O professor é o principal agente de intercomunicação entre o aluno e o objeto de conhecimento, por isso é fundamental que observe atentamente os alunos e identifique as dificuldades de aprendizagem apresentadas para propor assim estratégias que visem minimizá-las. Os métodos para a aprendizagem devem ser escolhidos com bastante atenção em todas as etapas e modalidades de ensino, principalmente no que se refere aos anos iniciais do Ensino Fundamental por se tratar do primeiro contato com uma aprendizagem escolar (TUNES et al., 2005).

Nos primeiros anos do Ensino Fundamental objetiva-se que os alunos desenvolvam a capacidade de ler e escrever. A leitura e a escrita sempre estão “lado a lado”, sendo uma necessária para o fortalecimento da outra. A leitura, geralmente, antecede a escrita, sendo fundamental para o seu aperfeiçoamento, pois é por meio da leitura que se adquire novos conhecimentos, enriquece o vocabulário e incentiva a prática da escrita. Escrever, por sua vez, consiste no ato de transcrever conhecimentos adquiridos em palavras, é uma forma de registrar pensamentos, concepções e ideias e permitir que outros tenham acesso a ela.

A escrita é considerada como um processo mais complexo do que a leitura, pois para escrever é necessário produzir registros escritos a partir dos conhecimentos que foram adquiridos com a leitura, que já possui registros gráficos prontos.

Apesar de a leitura anteceder a escrita, esta é considerada como o objetivo mais importante do processo de alfabetização das crianças. Escrever abre “portas” para um novo mundo ou para uma nova forma de compreendê-lo. Permite reafirmar a cultura, os valores sociais, as ideologias. Devido a sua importância como forma de comunicação sistematizada, a escrita envolve compromisso e dedicação. Por se tratar de um processo mais complexo que a fala, é mais comum que sejam observadas algumas dificuldades na sua aquisição.

4. ESCRITA: DIFICULDADES E MECANISMOS PARA APRENDIZAGEM

A escrita representa uma das maiores invenções da humanidade. Por meio da escrita torna-se possível expor concepções e ideias, organizar pensamentos, fortalecer relações sociais, elaborar e/ou produzir textos que servirão de registros históricos, sobre cultura, política, arte de um povo que serão transmitidos ao longo de gerações.

A escrita, diferente da fala, que é um processo natural, requer toda uma organização e estruturação. Formada por um conjunto de sinais e símbolos, a escrita, vai sendo construída ao longo do processo de aprendizagem. Escrever é muito mais do que a simples transcrição de palavras que são ouvidas, é a atribuição de significado a estas palavras. Por isso exige leitura constante e o conhecimento de regras e normas gramaticais.

Escrever é um processo complexo e multifatorial que facilita a comunicação, a transmissão de informação e a preservação da história de um povo. De acordo com Casal (2013, p. 15)

A escrita é uma capacidade a que recorremos em inúmeras atividades do nosso dia-a-dia, por exemplo, para rapidamente elaborarmos um apontamento ou uma lista; redigir um aviso ou informação; expor os nossos pensamentos; descrever acontecimentos; apresentar uma queixa ou reclamação; criarmos uma história para nós ou para publicação; lavrar atas, entre outros. Associada à leitura desce os primeiros momentos da nossa vida, a escrita é um meio de comunicação, socialização e interação fundamental para a sociedade.

A escrita, enquanto processo complexo, não ocorre de forma linear ou uniforme, pois cada um tem um ritmo e uma forma de aprender, que envolve inúmeros aspectos desde emocionais até cognitivos ou motores. A aquisição da escrita se inicia a partir do 3º ano do Ensino Fundamental e perdura durante todo o processo de aprendizagem. No início é comum que os alunos apresentem uma certa dificuldade com a escrita devido às suas regras e normas,

mas, aos poucos, as dificuldades são detectadas e minimizadas. Estas dificuldades são consideradas como transitórias.

As dificuldades, porém, podem perdurar por um tempo além do previsto, passando a ser consideradas como dificuldades permanentes ou transtornos. Os transtornos de aprendizagem relacionada a escrita são manifestados de diferentes maneiras, seja pela troca de letras ou ordem delas ao escrever uma palavra, erros na conversão/transcrição de símbolos e sons e até mesmo atraso na percepção visual para posterior conversão (CASAL, 2013; ZUCOLOTO e SISTO, 2002).

Estes transtornos devem ser identificados logo nos primeiros anos do Ensino Fundamental, pois irá impedir que se estenda durante todo o período da educação básica, garantindo assim o desenvolvimento de competências e habilidades cruciais para aquisição de conhecimentos que servirão de base para a formação de um sujeito ativo e consciente de sua responsabilidade como cidadão.

Dentre os transtornos apresentados pelos alunos no processo de aquisição da escrita estão: disortografia, disgrafia. A ocorrência destas dificuldades podem ter várias causas envolvendo desde problemas emocionais, métodos de ensino defeituoso ou inadequado até alterações sensoriais ou de percepção.

A disortografia é um transtorno de aprendizagem da escrita caracterizado pela escrita incorreta das palavras, o que impossibilita a sua compreensão. A escrita disortográfica apresenta vários erros estruturais e organizacionais, comprometendo de maneira significativa a aprendizagem dos alunos (CASAL, 2013; SANTOS, 2014).

Os alunos que apresentam este transtorno, ao escrever, “fogem” dos padrões da escrita, por meio de erros de origem ortográfica ou morfológica. Estes erros são admissíveis até o 3º ano do Ensino Fundamental, pois neste período ocorre os primeiros contatos com a escrita e suas regras. De acordo com Coimbra (2013, p. 19)

a disortografia prende-se com problemas ao nível da ortografia e da planificação e da formulação (composição) escrita. É caracterizada pela dificuldade na organização, estruturação e composição de textos escritos. As frases são pobres e curtas e apresentam incorreções, erros ortográficos.

Os erros ortográficos mais evidentes na escrita disortográfica estão relacionados à substituição, omissão, junção ou separação, inversão, erros de pontuação e acentuação e adição de letras (PONÇADILHA, 2016).

As substituições podem ser evidenciadas quando ocorre troca de letras como: “n” por “m” (ruin/ruim), “x” por “ch” (bolaxa/bolacha) ou “t” por “d” (totos/todos). As adições ocorrem quando há colocação de letras a mais na palavra como por exemplo “l” em escuta (esculta) ou “i”, em estranho (estrainho). As omissões se referem à não colocação de letras onde existem como “s” em festa (feta) ou “n” em sangue (sague).

Os erros ortográficos também podem ser evidenciados quando há junção de palavras que deveriam ser escritas separadamente como **derepente** (de repente) ou **meiodatarde** (meio da tarde) ou separação, quando deveriam estar juntas e são escritas separadas como por exemplo **em baixo** (embaixo). Os erros também podem ocorrer por inversão de letras. Neste caso todas as letras estão corretas, mas a ordem está incorreta como em **cocholate** (chocolate) ou **bulsa** (blusa), além disso verifica-se erros de acentuação, colocando acento onde não tem ou deixando de colocar onde deveria ter como (PONÇADILHA, 2016).

Além dos erros ortográficos, a escrita disortográfica também apresenta erros morfológicos, que incluem os erros de concordância, misturando singular e plural (muita flores). A disortografia também pode ser caracterizada pela associação de dois ou mais destes erros. Os alunos com disortografia evitam escrever e quando escrevem fazem textos curtos e rápidos (PONÇADILHA, 2016).

Os erros na escrita relacionados à disgrafia podem ser decorrentes da falha na atenção, desconhecimento gráfico ou por não ter compreendido corretamente o som da palavra que precisa escrever (FERNANDEZ, 2010).

Outro tipo de transtorno específico da escrita é a disgrafia, caracterizada pela escrita ilegível das palavras. Assim como a disortografia, a disgrafia começa a ser percebida a partir do 3º ano do Ensino Fundamental, visto que até este período é aceitável que ocorram erros ortográfico, conforme afirma Paiva (2011, p. 13) “Até as três primeiras séries é normal que as crianças façam confusões ortográficas, pois os sons e palavras impostas ainda não são dominados por elas”.

A disgrafia é, na maioria das vezes, menosprezada por ser relacionada meramente como “letra feia”, sendo atribuída a descaso ou descuido. Porém é preciso ficar atento, sobretudo no período inicial de aquisição da escrita, para conseguir identificar quando a letra incompreensível representa mais do que desatenção e passa ser considerada como um

transtorno para poder intervir de maneira precisa e correta (SAMPAIO, 2004). Segundo Telles et al. (2017, p.67)

No caso da disgrafia, é importante o diagnóstico precoce a fim de orientar os profissionais da educação e os pais sobre esse distúrbio de aprendizagem que muitas crianças sofrem, sendo muitas das vezes, rotuladas como relaxadas e preguiçosas por possuírem uma “letra feia”, provocando baixa autoestima, desmotivação, entre outros problemas. As crianças disgráficas são aquelas que apresentam dificuldades no ato motor da escrita, tornando a grafia praticamente indecifrável e isso não compromete o intelectual, do contrário, geralmente os disgráficos são crianças muito inteligentes, sua dificuldade está na escrita, pois ela não consegue recordar da grafia da letra para escrever.

A disgrafia é constatada quando, mesmo após intervenções, seja com mudança de metodologias ou recursos, o aluno ainda apresentar as mesmas dificuldades. Este transtorno não se correlaciona com aspectos intelectuais, sendo assim alunos com este transtorno são, em geral, muito inteligentes (PAIVA et al., 2011).

A escrita ilegível das letras na disgrafia é decorrente da falta de coordenação motora (grossa e fina) para realizar os movimentos de preensão e pressão, conforme afirma Telles et al. (2017, p. 68) “A principal causa da disgrafia é a falta de coordenação motora. As funções do cérebro que estão preocupadas com a tradução de ideias em palavras, por escrito das crianças que tem este transtorno, não são executadas de forma correta”.

Devido à falta de domínio/controlador motor, os alunos com disgrafia costumam relatar que sentem dor ao escrever, por aplicar muita força para segurar e apoiar o lápis/caneta no papel e fazer o contorno das letras. Além da falta de motricidade, a escrita digráfica é também caracterizada pela falta de lateralidade, organização espacial e temporal e incapacidade de estabelecer uma relação entre aspectos visuais e motores simultaneamente (MAGALHÃES, 2015).

Neste transtorno não há uma automatização da escrita, às vezes, o aluno compreende todo o conteúdo que foi trabalhado, sabendo inclusive organizar um diálogo a respeito, porém não consegue fazer sua tradução em palavras para transcrevê-las de maneira compreensível por não lembrar as letras que compõem a palavra ou como estas são escritas. As letras são “emboladas” (uma letra por cima da outra), havendo uma desorganização nas atividades (MAGALHÃES, 2015).

Os alunos com este transtorno apresentam letra inclinada (“letra de médico”); desorganização no texto, que não obedece as margens e linhas; mistura de letras maiúsculas e

minúsculas; desproporção do tamanho das letras (grandes e pequenas alternadas ou letras muito pequenas, quase imperceptível ou grandes demais); falta de ligação entre as letras (escreve cada letra separada); letras largas; espaçamento irregular entre as palavras e traçado muito forte ou muito leve. É comum também que omita letras, faça inversões ou junções como ocorre na disortografia (MAGALHÃES, 2015; ALBUQUERQUE, 2010).

Na escrita disgráfica não há um domínio gráfico, por isso, os alunos, não fazem cópias de textos escritos, nem projeções de imagens e nem escrevem os números, pois não conseguem estabelecer um *link* entre o que está sendo visto (observado/mostrado) ou ouvido com o que precisa produzir (palavras, frases ou textos) (ALBUQUERQUE, 2010).

Os alunos com disgrafia, além dos problemas relatados, costumam se queixar de dores ao fazer o contorno ou desenhos das letras, fato que pode ter como explicação a falta de um domínio motor preciso (TELES et al., 2017).

O diagnóstico destes transtornos, tanto disortografia quanto disgrafia deve ser feito o mais precoce possível, pois desta forma consegue-se propor metodologias que visem assegurar o desenvolvimento das habilidades dos alunos. As intervenções propostas devem demonstrar para o aluno qual a função e o papel da escrita no seu cotidiano. Vale destacar que estes transtornos só podem ser considerados caso as dificuldades apresentadas permaneçam após o período de alfabetização, onde é normal que surjam algumas dificuldades temporárias (MAZARIN, 2014; LIMA, 2014).

As intervenções devem considerar todo o contexto em que o aluno encontra-se inserido e envolver todos os atores do processo educacional: pais e/ou responsáveis, alunos, professores e demais especialistas. A primeira etapa da intervenção é a identificação do transtorno e posteriormente são definidas quais as intervenções necessárias de acordo com cada transtorno. Para os alunos que apresentam escrita disortográfica, as intervenções devem estimular a percepção auditiva e visual, visto que os alunos com este transtorno não conseguem estabelecer corretamente esta relação.

Outras propostas intervencionistas para a escrita disortográfica se referem a propor atividades onde os alunos tenham noções dos sons das letras/ fonemas, assim como aprendam a identificar e distinguir entre vogais e consoantes. Aos professores cabe também fazer correções dos erros recorrentes para que estes não sejam fixados. A utilização de dicionários

também se configura como uma importante ferramenta para auxiliar neste processo, assim como atividades de correlação entre imagem e nome.

No que se refere a escrita disgráfica, as medidas de intervenção devem considerar atividades relacionadas ao favorecimento do desempenho motor, a exemplo do contorno de linhas pontilhadas e figuras, caderno de caligrafia ou utilização de materiais que usam os sentidos, como as caixas de areia. Todas estas atividades possibilitam uma melhor compreensão do formato (traçado) das letras, estimulam a concentração, permitindo, posteriormente a escrita com precisão, já que o aluno adquire uma maior destreza com utilização dos dedos. Estas estratégias permitem também uma melhor coordenação visual e motora, permitindo que os olhos possam acompanhar as mãos, favorecendo a atenção e posterior localização do espaço-tempo, essencial para respeita margens e linhas (LIMA, 2014).

Outras atividades que podem contribuir para a melhoria da capacidade de escrita dos alunos são as relacionadas à pintura, pois o uso do pincel estimula o movimento de punção (agilidade em articular mãos e punhos); o estímulo a escrever letra cursiva, a escrita de textos pequenos incentiva os alunos e faz com que eles conheçam as letras, além de treinar o equilíbrio e o apoio com o lápis e a caneta.

Aos professores cabe também explicar aos alunos a importância de escrever as letras de uma mesma palavra de forma interligada, para que possa ser compreendida mais facilmente. Aos pais cabe ajudar os filhos nas atividades escolares, oferecendo um ambiente acolhedor e evitar pré-julgamentos, é preciso incentivar os filhos e considerar cada prática exitosa como um passo para o desenvolvimento (FERNANDEZ et al., 2010).

Diante disto cabe compreender que só é possível propor estratégias de intervenção visando o desenvolvimento dos alunos com dificuldades permanentes em relação a escrita (transtornos) se houver uma participação e conscientização conjunta.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é organizada em etapas e/ou modalidades de ensino, as quais apresentam objetivos ou metas pré-estabelecidas. A intenção é que estas metas sejam alcançadas ao final de cada etapa para garantir a aprendizagem e, conseqüentemente, o crescimento integral do indivíduo. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, uma das principais metas é fazer com que o aluno aprenda a ler e escrever, seja alfabetizado.

A alfabetização, como o próprio nome sugere, consiste na aprendizagem do alfabeto e da sua correta utilização, considerando as regras e normas da escrita. Ao aprender a ler e escrever, o aluno se sente parte do “mundo letrado”, reconhece produtos, frases, busca mais informações, aprende a interagir por meio de símbolos e signos que os fazem conviver socialmente.

A alfabetização começa nas séries iniciais do Ensino Fundamental, mas perdura por toda a vida escolar. Inicialmente são ensinadas as letras, com o intuito de reconhecê-las e a posteriori é ensinado como estas são escritas (o seu contorno). Ler e escrever são habilidades que se intercalam. A escrita é mais complexa do que a leitura, pois requer o desenvolvimento de capacidades mais amplas como noções de regras gramaticais, de orientação de espaço e tempo e coordenação motora, além de ter uma grafia legível.

Escrever é fundamental para qualquer atividade desempenhada, seja no âmbito pessoal, profissional ou acadêmico. Por meio de signos e símbolos, a escrita expressa emoções, ideais e concepções. Escrever bem exige um empenho do escritor em fazer com que seus textos sejam lidos e compreendidos pelos leitores. Para tanto ele deve escrever de forma clara, coesa, coerente, legível e correta, atendendo às regras de sintaxe e ortografia. A linguagem utilizada e o conteúdo também são cruciais para atrair a atenção dos leitores.

A escrita tem como condição prévia o desempenho motor e a perícia manual. Circundada por normas e preceitos, a escrita, a primeira “vista” pode representar obstáculos que vão sendo minimizados a medida que novos conhecimentos são adquiridos. Porém, é possível que estas dificuldades não sejam transitórias e sim permanentes. Neste caso, o diagnóstico deve ser feito o mais rápido possível para buscar estratégias compatíveis com as dificuldades.

As dificuldades permanentes relacionadas à escrita são definidas como transtornos da escrita e estão relacionadas a problemas motores, cognitivos, que não se restringem à ineficiência dos métodos utilizados. Os principais transtornos relacionados à escrita são: disortografia e disgrafia.

A disortografia consiste em um tipo de transtorno que tem como característica a escrita de palavras com inversões, aglutinações, fragmentações, troca de letras ou omissão delas, além disso é verificado falta de organização na escrita, escrita devagar, o que dificulta a compreensão do texto, impedindo a transmissão da mensagem. Os alunos que

possuem disortografia evitam escrever textos longos, apresentam quadros de ansiedade, por medo de errar e serem comparadas com os outros que conseguem escrever corretamente.

Já a disgrafia é um transtorno da escrita caracterizado por incapacidade no controle motor que impede o manejo do lápis/caneta na hora de escrever fazendo com que a letra seja ilegível e desorganizada, dificultando o seu entendimento, inclusive pela própria pessoa que escreveu. A disgrafia é relacionada a “letra feia”.

A escrita disgráfica possui alguns aspectos indicadores tais como: morosidade na escrita, falta de separação entre as letras, sobreposição, misto de letras (forma e cursiva), ademais é comum que os alunos que possuem este transtorno relatem muita dor ao escrever pelo excesso de força empregada no momento da escrita das palavras.

O diagnóstico destes transtornos é feito por meio de uma análise multidisciplinar, incluindo profissionais da saúde, que avaliam a forma como os alunos escrevem e levam em consideração os apontamentos e observações de pais e professores.

Com o intuito de estimular o desenvolvimento dos alunos com disgrafia ou disortografia é necessário dispor de estratégias como utilização de caderno de caligrafia, propor atividades de psicomotricidade, não reprimir e estimular sempre que o aluno tiver qualquer tentativa exitosa, utilizar jogos, pois estimulam a concentração e o equilíbrio e utilização de dicionários para melhor conhecer a palavra a ser escrita.

O presente trabalho apresentou as principais dificuldades permanentes (transtornos) da escrita e as possíveis estratégias de intervenção visando assegurar o desenvolvimento dos alunos apesar dos impedimentos apresentados, os quais não devem ser tratados como doenças, apenas como dificuldades a serem driblados.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. D. L. R. **Dificuldades de aprendizagem específicas e os estigmas sociais**. Monografia (Especialização) -Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). **Ensino Fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implantação**. 2ª edição. Brasília: 2009.

CASAL, C. J. F. **Disortografia: A escrita criativa na reeducação da escrita**. 2013. 201f. Dissertação (Mestrado Ciências da Educação) - Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2013.

COSTA, T. C. P.; SILVA, R. L. S.; SOUSA, A. S.; CARRIJO, W. B. M. **Linguagem humana:** uma análise sobre a escrita. Periódicos UNESC. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/2843-8283-1-SM.pdf>. Acesso em: março de 2020.

COIMBRA, B. C. M. **Disortografia:** Um modelo de intervenção. 2013.138f. Dissertação-Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto-Portugal, 2013.

FERNANDEZ, A. Y. FERNANDEZ, A. Y.MÉRIDA, J. F. C.; CUNHA, V. L. O.; BATISTA, A. O.; CAPELLINI, S. A. Avaliação e intervenção da disortografia baseada na semiologia dos erros: revisão da literatura. **Revista CEFAC**, v.12, n.3, p.499-504, 2010.

GONÇALVES, S. A. A. **A função docente e o conhecimento numa perspectiva histórico-crítica.** Pedagoga da rede Estadual de Educação. 2008. Programa de Desenvolvimento Educacional, Paraná - Universidade Estadual de Maringá. 2008.

GUIMARAES, S. R. K.; DE PAULA, F. V.; MOTA, M. M. P. E.; BARBOSA, V. R. Consciência morfológica: que papel exerce no desempenho ortográfico e na compreensão de leitura? **Psicologia USP, São Paulo**, v. 25, n. 2, p. 201-212, 2014.

KLEINKE, R. C. M. **Aprendizagem Significativa:** a pedagogia por projetos no processo de alfabetização. Florianópolis, 2003. 129f. Mestrado em Engenharia de Produção- Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC.

LIMA, R. S. **Propostas metodológicas para trabalhar as dificuldades dos alunos com Transtornos Funcionais Específicos.** 2014. Produção didático - pedagógica: caderno pedagógico, Curitiba, 2014, 115p.

MAGALHÃES, A. **Disgrafia:** causas e estratégias de correção no ensino/aprendizagem. 2015. 25f. Monografia (Graduação) - Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Buritis-MG, 2015.

MAZARIN, L. C. C. **Identificação de estratégias de intervenção para alunos com disortografia.** 2014. 87f. TCC (Graduação em Pedagogia) – UNISALESIANO, Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins-SP, 2014.

PAIVA, E. C.; GOMES, E. S.; MARTINS, M.C.V.; FERREIRA, A. B. **O transtorno da disgrafia no ensino-aprendizagem. Recanto das letras, 2011.** Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/3376502>. Acesso em: março de 2020.

PINTO, J. **Psicologia da aprendizagem concepções, Teorias e Processos.** Coleção Aprender. 4ª edição. São Paulo: Stória Editores, 2003, 55p.

PONTES, Edel Alexandre Silva. A Capacidade de Gerar Soluções Eficientes e Adequadas no Processo Ensino e Aprendizagem de Matemática. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 8, n. 10, p. 193-205, 2019.

PONÇADILHA, J. C. N. **Disortografia**: das concepções de professores e gestores às práticas pedagógicas e medidas educativas. 2016, 53f. Mestrado (Docência e Gestão em Educação) - Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2016.

ROCHA, G.; FONTES-MARTINS, R. A apropriação de habilidades de leitura e escrita na alfabetização: estudo exploratório de dados de uma avaliação externa. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 85, p. 977-1000, 2014.

SAMPAIO, S. **Distúrbios e transtornos**. 2004. Disponível em: <http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/disturbios.htm>. Acesso em março de 2020.

SANTOS, S. G. B. **Disortografia: avaliação e intervenção no 5º ano do ensino fundamental. Psicopedagogia**. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014.

SFORNI, M. S. F.; GALUCH, M. T. B. Aprendizagem conceitual nas séries iniciais do ensino fundamental Educar, Curitiba, n. 28, p. 217-229, 2006. Editora UFPR.

TELLES, F. D. C.; LUCIO, G. B. S.; ALCANTARA, E. F. S. Um olhar psicopedagógico sobre a disgrafia. **Revista Episteme Transversalis**, Volta Redonda-RJ, v.8, n.2, p.60-79, 2017.

TUNES, E.; TACCA, M. C.V. R; BARTHOLO JUNIOR, R. S. O professor e o ato de ensinar. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 126, p. 689-698, 2005.

VITORINO, M. **As Principais Dificuldades de aprendizagem nos Anos Iniciais. Psicologado, [S.l.].2019**. Disponível em <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/as-principais-dificuldades-de-aprendizagem-nos-anos-iniciais>. Acesso em Abril 2020.

ZUCOLOTO, K. A. SISTO, F. F. Dificuldades de aprendizagem em escrita e compreensão em leitura. **Interação em Psicologia**, v. 6, n.2, p. 157-166, 2002.